Casos & .Causos
Por Nestor Leme

Café: uma viagem da Etiópia a Serra Negra

Cafezais do Bairro dos Cunhas, mantêm viva a tradição centenária do cultivo que marcou a história econômica do município | *Arquivo de Nestor Leme*

Na edição nº 6472, do nosso jornal O Serrano, que circulou na sexta-feira, 7 de novembro deste ano de 2025, descrevi a viagem fantástica do cafeeiro, planta nativa da Etiópia, país que fica na parte oriental do continente africano, que levou mil anos para chegar até nosso Estado e que, plantado em nossas montanhas, mudou não só o destino de Serra Negra, mas o de muitas cidades do Brasil. Na história da cultura do café aqui em Serra Negra, existem registros de que, por volta de 1870, os fazendeiros Cláudio José de Abreu, João Pires Batista e Padre Antônio Correia Leme foram os primeiros a iniciarem as plantações de cafeeiros nas terras de nosso município; porém, acredita-se que antes deles alguém os tenha cultivado e plantado as primeiras mudas de café em nossas terras.

Eu nasci num tempo de turismo nascente aqui em nossa cidade, mas em que a cultura do café ainda era a mola propulsora de nossa economia, pois ainda funcionavam cinco beneficiadoras de café no perímetro urbano de Serra Negra e algumas nas fazendas maiores. Interessante destacar que as cinco beneficiadoras que funcionavam na época das safras daquele tempo eram todas administradas por descendentes de famílias italianas – Ricci, Zelante, Bruschini, Iorlatti e Dematei –, sendo que até os carroceiros que transportavam as sacas das fazendas para o beneficiamento também eram descendentes de itálicos.

A máquina de beneficiar café administrada pelo Romeu Ricci, que por ficar em frente à casa onde morávamos foi a que mais conheci, tinha como carroceiros o Alfredo Gasparini, Antônio Fabri, Benedito De Salve e Rafael Del Buono. Bem, o beneficiamento e o transporte do café eram feitos por este povo, então não é difícil imaginar que a produção das safras também era, em sua grande maioria, conseguida com a força do trabalho dos italianos e seus descendentes.

Nesse tempo, os limites da zona urbana de Serra Negra ficavam na esquina da Rua Visconde com Saldanha Marinho, saída para Lindóia; a estação ferroviária e a Igreja de São Benedito marcavam o fim da área urbana. Daí em diante começavam as roças de café e, por onde quer que olhássemos, víamos roças de café cercando a cidade. Até no morro que fica atrás da prefeitura desativada – hoje coberto de matas – existiam cafeeiros. As terras da atual Estância Suíça, Jardim Yara, ou seja, todas as terras além dos limites urbanos, eram sítios e chácaras cobertas de cafeeiros.

Segundo o Almanak de Serra Negra, publicado em 1913, trinta e três anos após serem plantadas as primeiras roças já existiam cerca de 8 milhões de cafeeiros produzindo em nossas terras, com uma produção anual de 640 mil arrobas, em 620 propriedades rurais. Atílio Zelante & Irmãos eram os maiores produtores, com 284 mil cafeeiros.

O tempo passou, veio a crise financeira mundial de 1929, época em que milhões de sacas de café foram queimadas por falta de compradores. Com isto, começaram a desaparecer as grandes fazendas produtoras, por falta de mão de obra para tocarem as lavouras, sobrevivendo apenas os sítios menores de agricultura familiar. A família Marchi, quase toda com plantações estabelecidas no Bairro dos Cunhas, ainda mantém roças onde, na atualidade, consegue colher cafés de excelente qualidade, trabalhando em propriedades menores, com roças mais bem cuidadas, supervisionadas por técnicos em cafeicultura, onde a qualidade do produto tem mais importância que a quantidade. Assim, esses produtores têm conseguido prêmios pela qualidade de seu café, colocando o nome do café de Serra Negra entre os melhores do país.

Crônicas do .Dia a Dia
Por Guida Gerosa

Viver de verdade

Hoje pela manhã levei uma amiga para fazer um cateterismo, e para nossa surpresa, tudo se transformou em uma cirurgia cardíaca. Da nossa vida estável, bastou um segundo para a vida nos dizer: "Segura essa!".

E aí, tudo vira de cabeça para baixo em um minuto, sem avisar, sem um sinal. Pode ser de diversas formas: um tropeço bobo, um escorregão, um diagnóstico inesperado, um pneu que resolve estourar e, pronto. Lá está você repensando toda a sua vida com gelo no tornozelo e muitas orações.

Existem muitos dramas: o rico que perde tudo de um dia para o outro, o pobre que ganha na loteria e acorda milionário, o saudável que de repente passa a conviver com uma doença, a família que vê sua casa arrasada após uma tempestade. A vida tem muita criatividade, e pode virar nossa história do avesso, transformando-a em novela mexicana. Nós seguimos achando que temos controle de algo, mas... Vamos tomando um tombo aqui e outro ali.

Mas a vida também é generosa, e pode nos dar surpresas tanto para a tristeza quanto para a alegria. Quando sentimos dor e tristeza, ela usa uns métodos pedagógicos bem estranhos. A dor aperta, faz chorar e parece que não quer ir embora. Ela vai nos empurrando para dentro de nós mesmos e nos faz crescer. Sabe aquela professora brava, que pega no pé da gente, dá mil trabalhos e nos deixa sempre com frio na barriga? Depois, você percebe que foi ela quem ensinou de verdade. Costumo dizer que podemos encarar as situações difíceis lembrando que, depois que passam, a gente conta algumas dessas passagens rindo, mesmo tendo chorado litros na hora.

As dificuldades marcam muito! Por isso, pessoal, o negócio é viver. Aproveitar cada minuto como se fosse aquele último pedaço de bolo que alguém deixou na geladeira, quase escondido. A vida muda rápido demais, às vezes tão rápido que a gente nem vê chegando. Hoje você está aqui; amanhã pode estar vivendo outra história, boa ou ruim, curiosa ou cômica, ou ainda tudo junto. Então, que seja leve quando der, e forte quando precisar, e que procure ser sábia sempre. Não imaginamos quando será nosso fim.

Lembro que minha mãe sempre disse que queria partir dormindo. Eu nunca pensei bem sobre isso, mas gostaria de não sofrer.

Mas enquanto a hora não chega, que a gente viva com coragem, sabendo que cada segundo importa, com alegria, com humor, entendendo que a vida pode nos pregar peças. E a melhor resposta é enfrentar e VIVER DE VERDADE.

Cultura .e Vida
Por Henrique Vieira Filho

As Musas migraram para Serra Negra: o Museu ReArte virou o novo Parnaso

A Serra Negra, que já é naturalmente um palco de belezas montanhosas e inspirações em forma de água, agora tem um endereço oficial para a inspiração: o Museu ReArte - Residência Artística do Circuito das Águas. E, vejam só que ironia poética, a casa foi ficando tão chique, mas tão chique, que as Musas da mitologia grega resolveram largar o Monte Parnaso e fazer a mudança para a Rua São Vicente de Paula.

O alvoroço começou quando a ReArte, que já era Ponto de Cultura, conquistou o reconhecimento do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). A notícia correu pelos corredores celestiais: "Há um novo Museu na Terra!".

E o que é um Museu, afinal? A palavra vem do grego mouseion, que significa, literalmente, Templo das Musas – o lugar onde elas moram, criam e inspiram. Tão logo o museu foi reconhecido, a faxina começou. E, de repente, o casarão já não abrigava apenas a Residência Artística e o acervo do expedicionário Ary Vieira - ele virou o novo condomínio das nove irmãs divinas!

A primeira a chegar, naturalmente, foi Euterpe, a Musa da Música. Afinal, a ReArte não só tem trilha sonora própria, como lançou recentemente uma versão brasileira do clássico napolitano "Funiculì, Funiculà", em ritmo de trem e saudade. A Musa do Som não podia ficar de fora. A coitada estava cansada de ver a palavra Música (que vem de mousiké, a arte das Musas!) sendo usada por aí sem o devido carinho. Agora, ela tem onde morar e onde vibrar com os sons da Serra.

Junto dela veio Clio, a Musa da História. Clio encontrou na ReArte um verdadeiro paraíso de documentos. Há o acervo da FEB (Força Expedicionária Brasileira), coleções de cartões postais da Segunda Guerra, e, claro, toda a história do Conde Maximiliano T. Corbiniano Basselet de La Rosée, que merecia um prêmio para o historiador Nestor Leme.

Para o soft opening (a tal "Prévia Cultural"), não podiam faltar Melpômene (Musa da Tragédia), e Talia (Musa da Comédia), que se juntaram para dar luz ao Ensaio Aberto da peça "Esconde o Conde". A Talia, inclusive, anda cochichando nos bastidores que o toque de sarcasmo do fantasma do Conde é pura inspiração dela.

E agora, o mais recente e excitante: a chegada do Ponto MIS. Nos tornamos uma "filial" do consagrado Museu da Imagem e do Som de SP. O audiovisual é uma arte complexa que exige a soma de várias Musas. Para o cinema, precisamos da Polímnia (Musa dos Hinos e da Eloquência) para narrar as grandes histórias, e da Urânia (Musa da Astronomia) para iluminar as projeções. Mas, principalmente, o Cinema, a Sétima Arte é um campo vastíssimo, que exige todas em conjunto! Ele junta o drama, a comédia, a dança (com a Cia. Allegro), a história (nos documentários) e a própria imagem (do MIS - Museu da Imagem e do Som).

As Musas se instalaram confortavelmente por aqui! Erato (Musa da Poesia Lírica) inspira os poetas de plantão do Clube da Cultura Pop e do grupo de leitura Além de um Livro. Calíope (Musa da Poesia Épica) já está de olho no acervo da FEB, pensando em um grande épico de guerra. E Terpsícore (Musa da Dança) comanda as apresentações e a coreografia da Dayana Brunhara Rezende e seus dançarinos.

Até para escrever esta crônica, foi necessário um teamwork divino: a Musa da Escrita (que é o que sobra quando o Monte Parnaso está de folga) teve que unir forças com a Talia (Musa da Comédia) para garantir que o tom ficasse leve.

Se você quiser participar desse burburinho artístico na ReArte, o novo Templo das Musas, fique atento, pois em breve divulgaremos a agenda de dezembro, recheada de cinema gratuito!

104.5 fm
SERRANEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

As Musas migraram para Serra Negra: o Museu ReArte virou o novo Parnaso

A Serra Negra, que já é naturalmente um palco de belezas montanhosas e inspirações em forma de água, agora tem um endereço oficial para a inspiração: o Museu ReArte - Residência Artística do Circuito das Águas. E, vejam só que ironia poética, a casa foi ficando tão chique, mas tão chique, que as Musas da mitologia grega resolveram largar o Monte Parnaso e fazer a mudança para a Rua São Vicente de Paula.

O alvoroço começou quando a ReArte, que já era Ponto de Cultura, conquistou o reconhecimento do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). A notícia correu pelos corredores celestiais: "Há um novo Museu na Terra!".

E o que é um Museu, afinal? A palavra vem do grego mouseion, que significa, literalmente, Templo das Musas - o lugar onde elas moram, criam e inspiram. Tão logo o museu foi reconhecido, a faxina começou. E, de repente, o casarão já não abrigava apenas a Residência Artística e o acervo do expedicionário Ary Vieira - ele virou o novo condomínio das nove irmãs divinas!

A primeira a chegar, naturalmente, foi Euterpe, a Musa da Música. Afinal, a ReArte não só tem trilha sonora própria, como lançou recentemente uma versão brasileira do clássico napolitano "Funiculì, Funiculà", em ritmo de trem e saudade. A Musa do Som não podia ficar de fora. A coitada estava cansada de ver a palavra Música (que vem de mousiké, a arte das Musas!) sendo usada por aí sem o devido carinho. Agora, ela tem onde morar e onde vibrar com os sons da Serra.

Junto dela veio Clio, a Musa da História. Clio encontrou na ReArte um verdadeiro paraíso de documentos. Há o acervo da FEB (Força Expedicionária Brasileira), coleções de cartões postais da Segunda Guerra, e, claro, toda a história do Conde Maximiliano T. Corbiniano Basselet de La Rosée, que merecia um prêmio para o historiador Nestor Leme.

Para o soft opening (a tal "Prévia Cultural"), não podiam faltar Melpômene (Musa da Tragédia), e Talia (Musa da Comédia), que se juntaram para dar luz ao Ensaio Aberto da peça "Esconde o Conde". A Talia, inclusive, anda cochichando nos bastidores que o toque de sarcasmo do fantasma do Conde é pura inspiração dela.

E agora, o mais recente e excitante: a chegada do Ponto MIS. Nos tornamos uma "filial" do consagrado Museu da Imagem e do Som de SP. O audiovisual é uma arte complexa que exige a soma de várias Musas. Para o cinema, precisamos da Polímnia (Musa dos Hinos e da Eloquência) para narrar as grandes histórias, e da Urânia (Musa da Astronomia) para iluminar as projeções. Mas, principalmente, o Cinema, a Sétima Arte é um campo vastíssimo, que exige todas em conjunto! Ele junta o drama, a comédia, a dança (com a Cia. Allegro), a história (nos documentários) e a própria imagem (do MIS - Museu da Imagem e do Som).

As Musas se instalaram confortavelmente por aqui! Erato (Musa da Poesia Lírica) inspira os poetas de plantão do Clube da Cultura Pop e do grupo de leitura Além de um Livro. Calíope (Musa da Poesia Épica) já está de olho no acervo da FEB, pensando em um grande épico de guerra. E Terpsícore (Musa da Dança) comanda as apresentações e a coreografia da Dayana Brunhara Rezende e seus dançarinos.

Até para escrever esta crônica, foi necessário um teamwork divino: a Musa da Escrita (que é o que sobra quando o Monte Parnaso está de folga) teve que unir forças com a Talia (Musa da Comédia) para garantir que o tom ficasse leve.

Se você quiser participar desse burburinho artístico na ReArte, o novo Templo das Musas, fique atento, pois em breve divulgaremos a agenda de dezembro, recheada de cinema gratuito!